

À RODA DA VIDA DEMACHADO DE ASSIS EM “VIAGENS E VIAJANTES NA HISTÓRIA DA LITERATURA” DE JOÃO INÁCIO PADILHA

MILENA ALVES BORBA¹;
ALFEU SPAREMBERGER²

¹Universidade Federal de Pelotas, UFPel 1 – mileborba@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas, UFPel – alfeu.sparemberger@outlook.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta uma análise transtextual do conto *Viagens e viajantes na história da literatura* (1988), de João Inácio Padilha. Tal análise, típica das práticas hipertextuais, no sentido abrangente da terminologia genettiana, que “coloca [o texto] em relação, manifesta ou secreta, com outros textos” (GENETTE, 2006, p. 7), permite observar como o conto objeto retoma enunciados primeiros para ressignificá-los e recontextualizá-los, atuando de modo determinante na construção narrativa. Tais preceitos serão aliados à concepção da dupla estrutura formal do conto, conforme dispõe RICARDO PIGLIA em *Teses sobre o conto* (2004). Para o autor, um conto sempre narra duas histórias: a primeira contém intrinsecamente uma segunda e esta é a chave formal do conto e das suas variantes, constituindo-se e percebendo-se pelo não dito, pelo que está subentendido. O texto recorre, ainda, à teoria do *iceberg*, de Hemingway (1988), ou seja, o conto possui uma narrativa que se mostra à superfície, uma ponta visível que se encontra sobre a água; porém, submersa e quase invisível, encontra-se a estrutura de base do iceberg arquitetado por um universo simbólico que, quando desvendado, faz aparecer artificialmente algo que está oculto. Esta revelação reproduz/renova uma experiência única de vida, uma verdade secreta que se deixa desvendar. No caso em questão, tal experiência refere-se a uma viagem pela vida de Machado de Assis e pela história da literatura, como é revelado no conto de João Padilha, resultando em uma metaficção historiográfica. *Viagens e Viajantes na História da Literatura* inscreve-se, também, no subgênero metaliterário de feição autobiográfico, característico da segunda metade do século 20 (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 147-148).

2. METODOLOGIA

O presente trabalho é o resultado de uma análise transtextual, conforme dispõe GENETTE (2006), do conto “Viagens e Viajantes na História da Literatura” (1988), de João Inácio PADILHA. Tal análise é aliada à concepção da dupla estrutura formal do conto, de Ricardo PIGLIA (2004), aos preceitos da metaficção historiográfica, de HUTCHEON (1989), e aos de ficção autobiográfica, de PERRONE-MOISÉS (2016). Esta análise, típica das práticas hipertextuais, permitirá observar como o conto objeto retoma enunciados primeiros para ressignificá-los e recontextualizá-los na construção da sua narrativa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O conto objeto começa introduzido pela epígrafe: *Eu creio que o mar batia na pedra como é seu costume desde Ulisses e antes*, que remete ao capítulo “CXVII – Amigos próximos”, do romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis. Nele,

Bento Santiago, o velho Dom Casmurro, cita e questiona a veracidade do discurso de um historiador. Tal elemento paratextual antecipa a construção da narrativa de *Viagens e Viajantes na História da Literatura*, uma vez que, enquanto toma para si a estilística metatextual machadiana, parodia o capítulo referido de *Dom Casmurro*, transformando a sua narrativa e reutilizando os cernes temáticos. Neste caso, a escrita funciona como a memória do autor, sua biblioteca, e, como nos é revelado, “toda biblioteca, como todo museu, escolhe, esquece, classifica, arquiva, celebra” (ACHUGAR, 1994, p. 14, tradução nossa).

A narrativa de *Viagens e Viajantes na História da Literatura* começa com o agradecimento do Conferencista ao professor Otacílio da Silveira em virtude do auxílio prestado pelo segundo no aprimoramento de uma conferência proferida no ano de 1947, que versava sobre viagens e viajantes na história da literatura. O texto integral da conferência perde-se após o Conferencista emprestá-lo a uma das suas espectadoras. Embora tenha tentado reescrever o texto original, isso não foi possível, pois a sua memória já carregava uma nova narrativa que impedia a primeira de retornar à superfície, e assim começa o palimpsesto do conto em análise.

Na sua conferência, o também narrador do conto, segue os passos de célebres autores universais: Chrétien de Troyes, Dante, Camões, Cervantes, Defoe, Swift, Stevenson, Verne, Mann e outros que foi “encontrando pelo caminho”. Esta viagem sumária por uma parcela de países e autores europeus, que exclui Machado, permite inferir sobre o particular (local) e o universal, partindo de um lugar que não está diretamente relacionado àquilo que se convencionou chamar de centro cultural. O professor Otacílio demonstra grande interesse pela passagem da conferência que discorre sobre a “combinação binária de impressões visuais fugazes”, que leva a personagem de Mann a introjetar na sua cabeça a ideia de viajar a Veneza, onde irá morrer. Segundo o professor, foi esta combinação binária de impressões visuais fugazes de um inglês e umas estampas do Lloyd representando barcos a vapor, que levaram Machado a traçar grandes planos de viagem, nos idos anos de 1907, ano anterior ao seu falecimento. O inglês e as estampas do Lloyd representando barcos a vapor, somados à imagem de Machado num café, levam ao leitor do conto objeto a possibilidade de transportar Machado diretamente à Europa ou, ainda, adivinhar o seu secreto anseio: tornar-se um escritor universal e, para isto, precisava ser traduzido. Desde 1888, o próprio Machado já tentava ver-se traduzido, mas a autorização necessária foi sistematicamente negada por seu editor, H. Garnier, como atesta a correspondência trocada entre eles.¹ Tem início, a partir desta instância narrativa, uma combinação entre ficção e dados biográficos e entre história e ficção.

No final da narrativa de *Viagens e Viajantes na História da Literatura*, chegando-se ao ponto de táxi em que o professor Otacílio e o conferencista se separariam e onde foi o mesmo lugar em que o mestre Machado e o jovem Otacílio se despediram no ano de 1907, relata o narrador-conferencista: “Fomos caminhando novamente, os dois – eu e o professor Otacílio; eu e Machado de Assis; o jovem Otacílio e Machado de Assis – na direção do largo do Machado” (PADILHA, 1988, p.88). Esse trecho representa uma transfiguração de personagens e narrativas. Tal construção metafórica e metatextual alude à própria arquitetura da narrativa em análise, que relembra as matrioskas russas, uma

¹ Cf. GALANTE DE SOUZA, J. “Cronologia de Machado de Assis”. In: *Revista do Livro*, n. 9 11, ano III, set. 1958 (Órgão do Instituto Nacional do Livro). Edição Comemorativa do Cinquentenário da Morte de Machado de Assis.

história dentro de outra, de outra, de outra... Elas constituem uma história maior, mas, para saber o que constitui esta grande história, é necessário desmontá-la, é preciso submergir-se nas águas profundas do conto para descobrir o que há debaixo da ponta do iceberg narrativo e, assim, chegar à história dois, que é a chave da forma do conto e de suas variantes. O processo é também um método de leitura que serve para a narrativa machadiana, pois, enquanto o trecho citado fala da sua própria construção narrativa, também fala do fazer narrativo do Bruxo do Cosme Velho.

4. CONCLUSÕES

Viagens e viajantes na História da Literatura resulta em uma poética da escrita machadiana que permite repensar a obra do autor de *Dom Casmurro* como uma narrativa de resistência aos grandes centros hegemônicos, como é o caso da França, para a época do escritor. Machado propunha um encontro dialético entre o que seria uma escrita nacional e universal, negando a obrigatoriedade de uma escrita exótica de cor local para anular a fronteira entre o local e o universal. Há um assunto que foi pouco abordado na análise do texto de José Padilha, não por desinteresse ou omissão, mas é que os passos percorridos pelo professor Otacílio, e rememorados pelo conferencista, ocuparam a extensão desta análise: a memória como elemento narrativo, característico do subgênero autobiográfico e de tendência no cenário pós-moderno. O modo como a memória foi trabalhada por Padilha, nesse jogo de narrativas que se interpõem, de corpos que se misturam compondo um só corpo narrativo, desconstrói também o esperado de um gênero autobiográfico, pois se a autobiografia é a de Machado de Assis, tem-se que ela é incorporada por um outro, que se confunde com o ser apropriado (Machado de Assis). Pode-se afirmar, portanto, que *Viagens e viajantes na História da Literatura* se constrói também como um ato contra os imperativos categóricos. A partir da reformulação no modo de organizar um *corpus* que abrange a metaliteratura, a metaficção autobiográfica, a metaficção historiográfica, e que ainda é construído pela dupla estrutura formal do conto, Inácio Padilha demonstra com maestria um claro sintoma do sujeito pós-moderno, fragmentado, que já não se pode conter em apenas um eu categórico; pelo contrário, pode articular-se em várias formas narrativas num mesmo *corpus*, assim como Machado já o fazia no século 19.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACHUGAR, Hugo. **La biblioteca en ruinas**: reflexiones culturales desde la periferia. Montevideo: Trilce, 1994.
- ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. São Paulo: Mérito, 1961.
- _____. **Memorial de Aires**. São Paulo: Ática, 1976.
- _____. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. In: Obra completa. v. I. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. p. 511-639.
- _____. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994.
- _____. **Esaú e Jacó**. São Paulo: Nova Cultural, 2003.
- BATISTA, Eduardo L. A. O. **Poética da representação cultural**: relações entre literatura de viagem e tradução na literatura brasileira. Programa de teoria e história literária. Campinas: Instituto de Estudo da Linguagem/Unicamp, 2010. Disponível em: <<http://www3.eca.usp.br/sites/default/files/webform/projetos/pos-doc/Projeto%20EB.pdf>> Acesso em: 12 jan. 2019.

- CÂNDIDO, Antônio. Esquema de Machado de Assis. *In: Vário Escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 2004.
- CHIARELLI, Stefania. De labirintos, corações e bibliotecas: encenações da leitura na ficção de Adriana Lunardi. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 48, p. 87-100, maio/ago. 2016.
- DERRIDA, Jacques; DUFOURMANTELLE, Anne. **Da hospitalidade**. Trad. Antonio Romane. São Paulo: Escuta, 2003.
- FRAGELLI, Pedro. As formas e os dias. *Revista USP Literatura e Sociedade*, São Paulo, v. 15, n. 13, p. 46-65, nov. 2010. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/lis/issue/view/5252>. Acesso em: 12 jan. 2019.
- GENETTE, Gérard. **Palimpsestos**: a literatura de segunda mão. Trad. Luciene Guimarães e Maria Antonia Ramos Coutinho. Belo Horizonte: Faculdade das Letras, 2006.
- _____. **Paratextos editoriais**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009. 376p.
- HEMINGWAY, Ernest. **Os escritores**: as históricas entrevistas da Paris Review. São Paulo: Cia das Letras, 1988. p. 51-70.
- HUTCHEON, L. **Uma teoria da paródia**. Lisboa: Edições 70, 1989.
- _____. **Poética do pós-modernismo**: história, teoria, ficção. Tradução Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago Ed., [1947]1991.330p.
- MACHADO, Nilson José. **Matemática e educação** – alegorias, tecnologias e temas afins. São Paulo: Cortez, 2002.
- NASCIMENTO, Luciana. **NO RANGER DAS RENDAS: O ALCAZAR LÍRICO NA CRÔNICA COTIDIANA E NA VIDA DA CIDADE**. Revista Anthesis: V. 5, N. 9, (Jan. - Jun.), 2017
- NOTÍCIA da atual literatura brasileira. **Instinto de nacionalidade**. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/padrao_cms/documentos/profs/sergioalcides/machadinstituto.pdf.>Acesso em: 10 jan. 2019.
- PADILHA, João Inácio. “Viagens e viajantes na história da literatura”. *IN: _____*. **Bolha de luzes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Mutações da literatura no século XXI**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- PIGLIA, Ricardo. Teses sobre o conto. *In: Formas breves*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- SAMOYAUULT, Tiphaine. **Intertextualidade**. São Paulo: Hucitec, 2008.
- SANTIAGO, Silviano. Apesar de dependente, universal. *In: SANTIAGO, Silviano. Vale o quanto pesa*: ensaios sobre questões político-culturais. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. p.13-24.
- SCHWARZ, Roberto. **Um mestre na periferia do capitalismo**: Machado de Assis. São Paulo: Duas cidades, 1990.
- SOUZA, Josuelene da Silva. **O leitor empírico e o leitor idealizado**: públicos de literatura. ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES DE PERIÓDICOS LITERÁRIOS, 4., 2010, Feira de Santana. Anais [...]. Feira de Santana: Uefs, 2013. Disponível em: http://www2.uefs.br/enapel/files/4enapel_anais.p169-181.pdf.> Acesso em: 12 jan. 2019.